

Assignatura

O POVO D'OVAR

Publicações

Assignatura em Ovar, seestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs.
 Fóra do reino accresce o porte e correio.
 Anunciam-se obras literarias em troca de dous exemplares

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
 Annuncios e communicados, a 50 rs. a linha.
 Repetições..... 25 rs.
 Annuncios permanentes 5 "
 Folha avulso..... 40 reis

Pagamento adiando

Redacção e administração
 Rua d'Arruela n.º 19

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa
 Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

A CRISE E A REVOLUÇÃO

Nunca se experimentou tanto desassossego como agora. Não se pôde contar com o dia d'annhã. Correm, a cada momento, choatos os mais contradictorios e os mais alarmantes. E o governo, que carece d'uma força verdadeiramente extraordinaria, uma vez apparenta-a, outras parece recuar. E' a instabilidade em tudo, coisas e pessoas, paramelhor caracterisar a crise medonha por que a nação vae passado, como se tivesse de dar uma rova da sua resignação, de cragem e de civismo para podexiver no convivio das demaiações.

Se essa prova effectivamente houvesse sido exigida, mal noia. A sociedade portugueza parece tomada do mais sordido egoismo. Adora-se com fanatismo lico o interesse e o deus milho, importando pouco ou nada o todo como se adquire; porque odinheiro é a agna lustral que lva os precedentes já encobertos em os titulos nobiliarchicos de moer-nissima data. E a prova provda está n'essas companhias e syndicatos, que ha tempos vem expo-rando incessante e descaradamente o thesouro publico, engordado por meios menos licitos os que privam com os ministros; e ns ministros, que, com luvas mais ou menos importantes se deixan corromper, vindo mesmo depos estadear, sem vergonha, um lux e uma opulencia denunciadores da venda das suas consciencias. Isto parece um desabar da velh, sociedade, que tantas provas d civismo e de abnegação deu en epochas não remotas.

E a crise monetaria, encontrando-nos assim, ficou sendo uma porta aberta para todos os males. Os ricos e os poderosos vendem mais um novo campo para a exploração lançarem-se n'elle d'um modo infrene, sem se importar se era ou não licito proceder assim. Embaraçam a acção do governo, todos os seus projectos, e efficacia de todas as medidas. Sem o agio e sem os agiotas já de ha muito que as transacções commerciaes e a circulação da moeda haveriam entrado n'um curso regular. Assim não, se se não agrava, merece do numerario e das pequenas notas, tambem não acaba, porque aos modernos negociantes do dinheiro convem o *status quo*.

O pequeno commerciante lucta com difficuldades atroz. Não vende ou vende em más condições, e as letras vencem-se e ellé mal pôde chegar a satisfazer os seus compromissos. O agiota então esgana-o, aperta-o, e a fal-

lencia não vem longo. E se considerarmos, que é no pequeno commercio, como o mais poderoso elemento de distribuição, que está a riqueza de um povo, poderemos facilmente calcular que somma de desgraças acarreta a crise monetaria.

E os artistas e o povo, são as maiores victimas da exploração. Sentem-na mais, porque a exiguidade dos salarios mal deixava até agora viver, e deduzindo-os mais apparece a falta que é fome, o o desespero que é a revolução. O agio engorda os grandes e mata os pequenos—é peor do que a usura, é uma usura mais descarada e mais opprimente, porque ninguem lhe escapa.

Se o operario, o pobre desvaiar de quem é a culpa?

Não do governo, que tem empregado todos os meios para obstar ao aggravamento da crise. A fertilidade e rapidez dos expedientes é enorme, mas nem assim pôde contrabalançar a ganancia dos agiotas. Tem appellado para tudo, pondo inteiramente do lado as violencias contra o povo, que de vez em quando sente desejos de protestar. Segue muito bem n'esse caminho.

Porém, isolado, talvez tenha de ceder. Precisava da cooperação dos interessados, mas não a encontra.

Os agiotas querem continuar, e não se lembram de que brincam com o fogo. Se apparecer a revolta são elles quem mais podem soffrer, porque a revolta da fome inscreve ordinariamente no seu pendão o saque e a vingança. E estaremos longe d'isso? Talvez não; todos os dias circulam boatos os mais alarmantes. Ora se teme de que o grito parta das praças publicas, ora se percebe rumor nas casernas. N'um lado e no outro se escorvam as armas, e ao primeiro grito pôde rebentar uma conflagração geral.

E nada mais desgraçado nos succederia agora. Mal temos força para lutar contra as crises, que nos assoberbam; que aconteceria se o mal se aggravasse com a desordem?

Fazer a revolta em taes condições, quando ella não parta somente do povo aggravado pela fome, é um crime, uma falta de patriotismo. A revolução n'este doloroso momento, talvez fosse a perda da nossa autonomia.

Esperem os revolucionarios por melhores dias, quando nos sentirmos mais livres, mais desopprimidos.

O CASO DAS TRINAS

A violação e morte d'uma creança sahida do recolhimento

das Trinas assanhou outra vez a questão religiosa em uma das suas phases—a das congregações.

Uns gritam: fóra com os frades e com as freiras, porque os conventos são um coito de demoralisação! Outros, defendendo: vós nada tendes com essas pobres mulheres e homens que votam a sua vida ao altruismo e até ao martyrio!

Posta a questão por esta fórma é impossivel resolver-se. Nem vamos com os primeiros, nem tão pouco com os segundos. Metaphisicos uns, retrogradados e reaccionarios os outros, não podem, nem devem ser comprehendidos pelo nosso tempo positivo e opportunistista.

Longo d'isso. De taes instituições é necessario vêr o que se pôde aproveitar de util e cortar o que fôr prejudicial.

O erro essencial do frade e da religiosa encerrados nos mosteiros e nos conventos está em se terem segregado completamente á evolução natural. Emquanto as sociedades caminham progredindo ou modificando as suas condições de existencia, os conventos isolam-se preferindo viver com a sociedade que passou. D'ahi vem a guerra da sociedade ao frade e á religiosa,—uma guerra aciculada, cheia de preconceitos, arremessando-se para além do possivel.

E' bem de vêr que ha muito de injusto de parte a parte.

Nós precisamos e carecemos das religiosas e dos frades. Temos um largo territorio em Africa a civilisar e a subtrahir á influencia dos nossos inimigos. Não ha dinheiro nos cofres publicos para subsidiar companhias e colonos: não ha commercio na metropole para incitar o desenvolvimento material. Só os missionarios e as religiosas podem levar a cabo a grande conquista efectiva dos nossos dominios d'além mar; porque só elles dispõem da abnegação necessaria para os maiores e mais loucos empreendimentos, sem a mira no lucro material.

Por isso não podemos, nem devemos fazer aos frades e ás religiosas a guerra accintiva que lhe estamos movendo a proposito d'um caso sporadico, embora grave.

Visto que é necessaria a existencia dos conventos como deposito das missões ultramarinas resta apenas sujeital-os a uma inspecção regular, tal como uma outra casa.

Contra isto ninguem se pôde levantar, tanto mais que o tempo dos privilegios já lá vae ha muito. O convento, e recolhimento é uma casa como outra qualquer: pôde padecer da doença do seculo, e

para que se não torne em coito, para que a sua fama persista, tem como salvaguarda a inspecção da auctoridade competente.

Assim se secularizam os conventos, assim entram dentro da esphera da lei. Ninguem para elles peça mais do que legitimamente se lhe pôde dar.

O caso da violação recente em nada pôde alterar esta doutrina.

Um caso perfeitamente sporadico, mesmo que tivesse sido precedido d'outro não era bastante para condemnar uma instituição, que tem fins tão nobres e alevantados. Porque um dedo do corpo humano se ache gangrenado não se segue que se deva assassinar o individuo. Porque haja um ou outro criminoso dentro do convento das Trinas, não se segue que se feche o recolhimento.

Castiguem-se severamente os criminosos, sejam quaes fôr: arranquem-se d'aquelle logar de meditação os malandros cheios de vicios. Com isso apenas tem a lucrar a sociedade e o proprio recolhimento.

Cumpra-se a lei até onde ella pôde ir. Soffra quem commetteu o crime; mas que a punição não abranja os innocentes.

Novidades

O caso da cadeia.—Não sabiamos da verdade inteira e completa quando no numero passado escrevemos a noticia a respeito do caso da cadeia. E é por isso que o rectificamos.

Logo que o digno delegado do procurador regio d'esta comarca deu ordem ao carcereiro para que encerrasse na cadeia terrea o preso Manoel d'Oliveira Salvador, alguem o foi participar aos politicos. D'ahi veio apparecer, duas horas depois, uma acta de sessão camararia na qual a camara tinha votado que se mandasse proceder a obras na referida cadeia.

Era manifesto o intuito de tal gente:—queria-se assim desfazer uma ordem, não importante á custa de que.

Armado com tal acta foi o joven administrador do concelho exigir do carcereiro as chaves d'aquella cadeia, declarando que assumia as responsabilidades de tudo.

O carcereiro, que é da casa e tem voto no conciliabulo, entregou as chaves e foi participar o caso ao ex.º delegado.

Sua ex.ª viu bem até onde chegava o plano—sophismavam as suas ordens, deixando-o n'uma posição de que tinha de sahir por qualquer forma.

Por isso officiou logo para as instancias competentes, bem como á camara e á administração do concelho a pedir as chaves.

Os da camara e administração não contavam com tanta energia da parte do digno delegado, suppunham que s. ex.ª subscriveria ou se submetteria ás suas ordens. Como receassem as consequencias mandaram entregar as chaves, mas declarando que se estavam a fazer as obras. Entretanto haviam sido mandados alguns carpinteiros trabalhar para a cadeia, fingindo remendar uma parte do soalho; isto para se ir passando o tempo da prisão de Manoel Salvador, então na cadeia de cima.

O ex.º delegado apenas recebeu as chaves, mandou retirar da cadeia os carpinteiros e para alli remover o preso Manoel Salvador.

Ainda assim não se deu por satisfeito. Roqueou contra o carcereiro o competente processo por ter facultado as chaves sem sua ordem, pelo que o mesmo carcereiro foi suspenso por 60 dias.

A attitude energica e altiva do digno delegado do procurador regio desnordeou a canalha, que vive por ali dos abusos e d'umas fofas ameaças.

Se nunca tivesse havido criminosas transigencias, a comarca não teria chegado ao estado em que por muito tempo esteve.

Exames.—Na proxima quinta-feira, 6 do corrente, principiarão os exames elementares d'este concelho, os quaes terão logar na casa da escola do Conde de Ferreira, pelas dez horas da manhã.

Os jurys para estes exames ficaram constituídos da seguinte fórma: 1.º presidente, João de Azevedo Ramos Paz; vogaes, padre Manoel Joaquim de Andrade e D. Maria do Carmo Josefa Isidora; 2.º presidente, padre Francisco Marques da Silva; vogaes, Pedro Lopes Barbosa e D. Leonina Pires da Silva.

E' vogal supplente D. Bernarda Maria de Jesus.

Festividade.—Hoje realisa-se com toda a imponencia, em Vallega, a festividade de Nossa Senhora de Lourdes. E' esta uma das melhores festividades d'aquella freguezia a que costuma concorrer muito povo da nossa villa.

Pela manhã prégará, ao evangelho, o reverendo João Coutinho, do Porto; e á tarde o reverendo Baccellar, de Braga.

—No dia 9 tem logar a festa de S. Domingos, no Sobral d'esta villa.

E' um arraial muito concorrido; e que tem magnificas sombras, para os amadores de petiscos e vinho verde.

Senhora do Patrocinio.—E' hoje a festa da Senhora do Patrocinio, na rua da Fonte.

Inspeção militar. — Começa na quarta-feira a inspeção militar dos mancebos do nosso concelho sujeitos, este anno, ao serviço do recrutamento militar.

Chegada. — Chegou na sexta-feira, pela manhã, o nosso sympathico amigo Augusto d'Oliveira Gomes, com sua ex.^{ma} esposa e filhito.

Estimamos.

Exames. — Fizem exame de inglez ficando approvados os filhos dos nossos amigos srs. dr. José Duarte Pereira do Amaral, Francisco Roiz da Silva Pepulim e dr. Eduardo Augusto Chaves. Parabens.

A influenza. — Lavra de um modo intensissimo, na classe pescatoria, no Finadouro, esta epidemia.

São innumerados os pescadores atacados. D'algumas campanhas chegam a estar doentes 30 e 40 pescadores; de modo que o trabalho só se faz com muita difficuldade.

Na quinta-feira, uma das campanhas de mais gente, querendo e sendo costume trabalhar com dois barcos, apenas pôde trabalhar com um por falta de gente.

Na rua Velha d'esta villa estão muitas casas fechadas porque toda a familia está atacada.

Só com raras excepções, a epidemia ainda não passou da classe piscatoria.

Furadouro. — Já chegou de Lisboa á nossa praia o sr. Thomaz da Silva Correia Dias com sua ex.^{ma} familia.

Brevemente chegará o ex.^{mo} sr. dr. Albino Leite de Rezende, digno juiz de direito da comarca de Pombal.

Foi alugado já o chalet do rev.^{mo} padre Francisco d'Oliveira Baptista, para a assembleia e outros passatempos.

Continuou a ser bastante remuneradora a pesca n'esta semana. Tem sahido muita sardinha.

Como as redes já trouxessem algum caranguejo, os pescadores estão já preparando as *mugigan-gas* para o trabalho.

O vento assoriou em metade da extensão, a estrada transversal de norte a sul. Começou ha dias o desaterro.

Torna-se necessario fiscalisar o modo da empilhagem dos sacos, tanto mais que, como acima dissemos, vae breve começar o trabalho das *mugigan-gas*. Não podem estar dias e dias expostos ao sol, junto dos palheiros e casas, montes de mexoalho, como ainda ha dias se viam alli.

Pela auctoridade competente devem ser tomadas algumas medidas, levando em conta que agora grassa na costa, com grande intensidade a *influenza*.

Estão alugadas bastantes casas para banhistas. Promette este anno haver bastante concurrencia.

Defeza de these. — No dia 22 do mez passado defendeu these na facultade de medicina de Paris, concluindo o seu curso, o ex.^{mo} sr. José Correia Dias, filho do nosso patricio e abastado capitalista, o ex.^{mo} sr. Thomaz Correia da Silva Dias.

Ao novo doutor e ex.^{ma} familia damos sinceros parabens.

O colera — O correspondente de um grande jornal europeu em Constantinopla escreveu o seguinte, em data de 23 de julho:

Os progressos do colera em Meca são verdadeiramente aterradoros. As defunções em Mina e em Meca subiram de 110, em 18 do corrente, a 381, em 19. Em 20 houve mais de 600 mortes.

E' enorme para Mina e Meca, bem que haja agora ali mais de 70:000 peregrinos.

Quanto ás medidas ordenadas pelo sultão, são draconianas, mas tendem a salvar a Europa do terrivel flagello. O regulamento do anno passado é applicado em todo o seu rigor.

Assim, os peregrinos que sahem do Hedjaz para irem por mar a Iémen e ao littoral ottomano do golfo Persico são repellidos para o lazareto do Camaran, onde soffrem uma quarentena de dez dias completos.

Por outro lado, os que se destinam ao Mediterraneo e ao Egypto farão vinte de quarentena ao acampamento egypcio de El For, junto do Sinai.

Do lado da terra, os cordões militares estende-se por toda a parte, e exercem uma vigilancia tão rigorosa que chega a ser feroz.

A Europa está, pois, bem guardada contra o colera e isso graças ao sultão, que olha em pessoa pela stricta execução do regulamento.

Terrivel accidente. — Uma parte d'uma abobeda do palacio da Caixa de Economias em Sxegedin, na Austria-Hungria, actualmente em reparação, desabou.

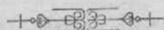
Quinze operarios ficaram sepultados sob os escombros.

Os socorros foram logo organisados e nove d'esses infelizes poderam ser retirados. Tres estavam mortos e quatro apresentavam gravissimos ferimentos.

Os ferimentos dos dois restantes são leves.

Os judeus — Participam do Varzovia que todas as municipalidades da Polonia receberam ordens terminantes para expulsarem todos os israelitas estrangeiros que não estejam munidos de uma auctorisação especial de domicilio firmada pelo ministro do interior.

Antonio Infante — Terminou o curso da Escola do Exercito o sr. Antonio Augusto Infante, sympathico rapaz, muito conhecido e estimado pelos estudantes do Minho.



MADRIGAL

(A. * * *)

São teus olhos duas turquezas bellas,
Teem cor do firmamento,
Brilho d'estrellas e das philomellas
Suavidade e accento.
Teus labios são uma linda rosa
Perdida do jardim; e avermelhada
C'o beijo d'uma flava mariposa
Escondida na tua trança alourada.
E's bella; mas do rosto seductor
Não dás um beijo—nem ao teu amor.

Ovar, 30-7-91.

F.

Litteratura

HERDEIROS AGRADECIDOS

Um dia tinha eu entrado na loja do meu encadernador, e, dirigindo-me á mulher d'elle que estava sózinha, disse-lhe:

—E os meus livros que me deviam dar hoje?

—Estão quasi promptos. Colimard tencionava acabar-os esta noite, mas foi chamado de repente ao cartorio de um tabelião...

—Alguma herança?

—Ah! senhor, parece um sonho; nem queremos acreditar; é tão inesperado! Que afinal de contas é tollice eu dizer «herança»; talvez algum anel, uma lembrancinha, uma bagatella... Mas ainda que fosse apenas uma simples maçã, deviamos ficar muito agradecidos, porque o pobre defunto querido nada nos devia.

—Não era seu parente?

—Não senhor. Ah! parece um romance tudo isto. O senhor sabe que Colimard trabalha sempre ao pé do mostrador, porque precisa de muita luz para os trabalhos mais finos. Ora todos os dias do meio dia para as duas horas, passava por deante da loja um sujeito velho que pelo passeio fóra como um bom burguez que dá o seu passeio de digestão depois de almoço. Parece que o velhote lá tinha o seu gosto pela encadernação, porque nunca deixava de se pespegar deante da vidraça, e estava ali os seus vinte minutos a ver meu marido trabalhar, coisa até com que meu marido dava o seu cavaco, porque lhe tirava a luz; e até um dia disse deante do pequeno: «Então esse esqueleto vae tomar o costume de vir para aqui todos os dias esperar o gato pingado?» Ora bem se diz que se deve ter conta na lingua deante das creanças. O nosso Theodoro mal ouviu isto, salta para o meio da rua, e vae dizer ao velho: «O seu esqueleto, está á espera dos gatos pingados?»

—Imagino a cara do sujeito.

—Pois não senhor! Poz-se a rir e depois de ter feito umas festinhas ao pequeno, tirou um rebugado da algibeira, e deu-l'ho. Por isso tambem no dia seguinte o Theodoro, assim que o viu, lá foi ter com elle e apanhou-lhe outro bolo e juntamente com o bolo uma beijoca. Emfim, que mais quer? De rebugados para beijos, de beijos para bolos, o velhote começou a agradar-se do pequeno, e entrava todos os dias, e aqui estava nm quarto de hora sentado n'aquella cadeira a palrar com a gente, a ver trabalhar a Colimard e a fazer festas ao pequeno. E tambem era muito nosso amigo, e tudo era fazer-nos perguntas: «Como vae o commercio?» E aconselhava-nos a que não desanimassemos, a que não perdessemos esperanças de um melhor futuro.

—E não o conheciam?

—Como pôde imaginar, não

deixamos de tomar as nossas informações e soubemos que era o rico senhor de Bambriquet, proprietario d'um quarteirão da Cite... quer dizer, tinha só elle á sua parte dezeseite predios! Por isso quando nos aconselhava que não perdessemos a esperança de um melhor futuro, diziamos-lhe nós:—Ora, senhor, isso é bom de dizer quando se tem uns poucos de predios!—Oh! meus filhos, quem sabe? Talvez mais dia menos dia lhes caia em cima da cabeça algum d'esses predios.

—Sim, nunca se deve perder a esperança.

—Um dia não appareceu cá, e passaram-se umas semanas sem cá vir, até que Colimard, inquieto, foi tomar informações e soube que o bom do homem morrera de um resfriamento que apanhara á saida do theatro. Isto fez-nos a sua aquella, porque o interesse que elle tomava pelo pequeno fazia com que o estimassemos, e sobretudo porque dissera que tinha uma livraria immensa e ia encadernar tudo. Por isso meu marido não pôde deixar de dizer: «Hum! e elle a dizer que contassemos com o futuro! A gente não pede senão trabalho ao tal futuro... e afinal de contas o que elle faz é surripiar-nos uma livraria para encadernar!» Parecia que a sombra do querido defunto ouvia essa queixa, porque n'esse momento entrava pela porta dentro uma carta do tabelião Hoquet a dizer-nos que fôssemos ao seu cartorio, porque tinha de nos comunicar alguma cousa acerca da successão do senhor Bambriquet.

—Mas então, olhe lá, sr.^a Colimard...

—O quê?

—Parece-me que a tal casa que lhes podia cair em cima da cabeça está a estas horas a desabar.

—Oh! não me diga isso.

—Porque não?

—Porque o homem, coitado, não era nosso parente nem adherente, porque tem uma sucia de primos, e porque elle não ia agora tirar o comer da bocca aos seus para o dar a estranhos a quem nem devem o mais pequeno favor.

—Não é tirar o comer da bocca, deixar dezeseite predios em vez de deixar dezeseite.

—Isso tambem eu digo, mas por outro lado!... Porque razão nos havia elle de deixar alguma cousa? Nós o que faziamos era deixal-o estar para ahi sentado um pedaço.

—Mas emfim elle quasi se tinha compromettido com os taes discursos acerca do futuro.

—Lá isso é verdade! Tinha feito melhor se não viesse desperter ideias na cabeça de gente pobre que está resignada á sua pobreza.

—E depois era amigo do pequeno. Porque não havia elle de o pôr na mesma linha que os taes primos?

—Uns primos que elle quasi que nunca vira nem conhecera! Com este bordado de ouro é que elles não contavam! Sempre ha gente muito feliz!

—Quem sabe lá se lhes não acontecerá o mesmo? Pôde ser que elle lhes deixe a casa em que morava.

—E' uma casa de dezeseite mil francos.

—Então dezeseite mil francos não é cousa que arruine os herdeiros.

—Ah! is é verdade. E demais a ma a casa precisa de concertos. (pobre do senhor de Bambriquetinha uma confiança incrível noorteiro, e o porteiro o que quer era ter a loja em bom estado e a inquilina do 1.º andar, mame Lestranglé, uma soberbona! Ah! se eu fosse dona d'aquella sa, quem ia logo para o meio d rua era ella. Era eu entrar n'u dia, e logo no outro zás! dobrá-lhe a renda, o que a havia a damnar, porque ella demais aiais fartou-se de fazer obras. S o predio precisa de concertos os inquilinos que os paguem.

E' cro! E' augmental-os a todos!

—Ai e tambem se tivermos de trespassar a loja, pedimos uma boa soma pela chave.

—Ns não me diziam que não ganhavam nada aqui?

—Jis sim! mas é uma loja que tem *escotte*. Pôde muito bem ser q' ao novo encadernador apparia tambem algum velhote.

—U no seu logar não levava pe chave senão uma quantia penena, eu dava-a de graça. Aproveitava a sorte que tivera para ser tambem um feliz.

—Meu caro senhor, eu não precio de conselhos.

—Não se zangue que não vale a ena. Demais quem sabe lá se el, em vez de lhe deixar uma casa de dezeseite mil francos lhe não sixará uma de sessenta mil? Se o senhor de Bambriquet se lemton de fazer a felicidade d'est familia, porque a não hade fzer completa?

—E tem muita razão. Não me tinha lembrado d'isso.

—E' muito possivel, não é?

—De certo, tendo elle dezeseitepredios, porque nos havia de deixar logo o que vale menos?

—E' claro, até parecia uma vinçança.

—Pois sim! mas sejamos francos, elle não nos devia nada.

—E aos primos, que elle nunca tira, devia alguma cousa?

—E connosco vinha passar as ardes.

—O que dicta muitas vezes un testamento não é o parentesco é a affeição.

—Olhe! elle parecia muito mais nosso amigo do que amigo de primos, em quem não fallava nunca.

—Já vê que teem tanto direito como elles.

—Muito mais... pelo lado de affeição.

N'este ponto a sr.^a Colimard hesitou um pouco, mas, arrastada pda avidez, acrescentou:

—E até, se o ceu fôr justo...

—Até o que?

—Até... não sei porque não nos havia de deixar a nós 16 predios e o outro aos primos.

N'esse momento abriu-se bruscamente a porta da loja.

Era Colimard que vinha de casa do tabelião.

Vinha pallido, desvairado, como um homem que acaba de ter uma violenta commoção.

O que não posso exprimir é a commoção pungente com que sua mulher lhe disse:

—E então?

E, como o marido, todo estafado, não respondesse logo, ella sacudiu-o nervosamente dizendo-lhe:

—Fallá, vê se fallas.

—Então!... não nos deixa senão trinta mil francos para o pequeno.

A snr.^a Colimard caiu fria e prostrada na sua cadeira e por entre os dentes, fincados pela raiva, sybillou:

—Oh! que malandro!

Eugenio Chavette.

CHRONICA

Aquelle memoravel domingo do coração de Jesus precipitou-me do pincaro da felicidade n'um mar de tristeza. Esse momento feliz, acariciado pelo sopro brando d'uma fagueira esperanza, passou rapido qual andorinha assustada. Um pensamento dilacerante me ficou apenas:—jámais voltará. E eu, aquecido pela resignação, conforto eficaz de corações abrazados pelo fogo do amor, resolvi, esforcei-me por banir da memoria, lançando assim para as sombras do passado, essa fatal recordação, que, de mais em mais se tornara viva. Assim o fiz, jurando nunca mais balbuciar aquelle nome, outr'ora para mim tão harmonioso e doce e que hoje só tem o meu lubridio.

Porque a inesperada vinda d'um chronista eximio, um defensor ignoto, meu semi-rival finalmente surprehendeu-me e fez quebrar por um instante o meu protesto.

Serei laconico na resposta não exigida, mas antes porém de o fazer permitta-me o meu adversario que o saude. E, posto isto, comecemos.

Relida a sua carta, que eu classifico um pequeno canteiro de flores colhidas nos jardins de Virgilio e outros, vi que um bichinho venenoso o contaminava do principio até ao fim. Esse insecto invisivel é o... enganoso. E, dito isto, penso que respondo a tudo quanto o chronista, em ataques imprevisos escreveu.

A devota ingrata, da ultima chronica, não é aquella, por quem o meu estimado M., ferido pela setta do ciume e, contrariamente informado, falla. Mas antes... uma pergunta, que entendo propositada e inoffensiva:—o meu adversario foi constituido procurador bastante ou... offereceu-se?

A bella cheia de innocencia e pundonor, de madeixas fulvas e em desdem, seductora no seu todo, não é, repito, a que dispensou ao defensor cimento alguns minutos de felicidade quando a cumprimentava junto ás escadarias do templo, não. O ideal dos meus sonhos, o alvo unico da minha admiração, desconhece talvez que, aqui n'estas despretechosas chronicas a fiz retratar a traços largos.

Não é João Sincero que lê pagina a pagina o seu coração. Certo porém de que só o illustre procurador M. é o possuidor d'aquelle coração, tenho a dizer que para socego d'ambos continue na seara que disse não querer deitar fouce. Para radical desaparecimento do maldito ciume, que o corroe basta s' a minha franqueza.

E' e será sempre o meu lema—seja feliz.

*

Terminam as festas e vem as esfolhadas. Mas ainda temos tempo.

Umás e outras preocupam a gente moça. Para as festas or-

ganisam-se os grupos; para as esfolhadas as danças: nas festas os ditos, as conversas largas: nas esfolhadas os abraços.

N'umas a musica das bandas e os trajes domingueiros de cores garridas: nas outras o cantar das violas e a poesia do luar, preparam a alma com a poesia bastante para entrar no campo raso do namoro.

Perco-me pelas festas, e pelo-me pelas esfolhadas.

Mas a esfolhada é superior, leva de vencida o arraial mais folgazão. Aquella liberdade de abraço e de beliscão, alli mesmo nas barbas das velhotas, que olham de escondo os galans das eiras; todo aquelle barulho e balburdia, que deixam, á vontade, dizer segredinhos a meia voz com intonação apaixonada: aquelle vira elegante, desempoadado, deixando desenhar atravez das roupagens repuxadas, as formas das moças, não tem coisa alguma comparada.

A esfolhada é sempre bella, quer o luar prateie as eiras, quer a noute silenciosa e calma cubra de escuro as pilhas de milho, abrigando dos olhos indiscretos o beliscão, que transmite ás vezes metade de um pensamento.

Quando penso nas esfolhadas entristeço porque vejo que a minha mocidade vae passando, gasta anticipadamente no turbilhão da vida; e é por isso que, quando a banza toca a rebate, ao findar do milho, tomo o meu par e vou dançando sempre, sempre até que no vira m'o roubem. Não que é o peor defeito do vira;—andar a gente todo entretido, todo apaixonado com o nosso par e vir um intruso apanhal-o sem trabalho. E depois o ciume aperta a garganta, formando um nó endiabrado, porque ellas coquettes atiram uns sorrisos animadores quando a cantiga acaba e o novo par lhe passa ao pé no trespasse da meia volta.

N'uma só noite a esfolhada dá assim milhares de impressões contraditorias que são para mim um encanto.

João Sincero e Companhia.

PUBLICAÇÕES

Recebemos:

Da acreditada casa editora Cruz Coutinho do Porto, uma nova edição completa do código administrativo e legislação posteriormente publicada, terminando por um bem elaborado indice alfabético.

—O 2.^o fasciculo do 3.^o volume A Avó, de Emílio Richebourg.

—Os fasciculos n.^{os} 21 a 25 do romance as Victimias da Loucura de Xavier Montepim, editado pela casa editora Belem e Companhia de Lisboa.

—Os 1.^{os} fasciculos do 2.^o volume do romance os Companheiros do Punhal de L. Stapleaux publicado pela nova Empresa Editora de Lisboa.

—A Estação jornal illustrado de modas para as familias publicou-se o numero de 1 de agosto.

Correio da moda:

Gravuras: Vestido com cinto collete para mocinhas—Vestido com cinto apanhado para mocinhas—Modelo para almofada—Bordado para o modelo de almo-

fada—Escudo d'armas com inicial—Capa para sofá—Combinação com cercadura bordada para reposteiro—Guardanapo com cercadura—Renda de crochet—Tapete com cercadura—Vestido com aba em prégas—Casaco de renda com mangas curtas de renda—Vestido guarnecido com bordados—Vestido recortado—Vestido princeza com aba curta—Vestido com corpo curto—Vestido com saia dupla e chapéo redondo—Chapéo redondo para senhora de idade—Chapéo redondo com corôa de flôres dos Alpes—Vestido com bluzas de aba sobreposta—Vestido com capa de renda meia curta e chapéo redondo—Chapéo para mocinhas—Mantelete para senhora de idade—Bluzas sem mangas—Collete com folho—Vestido com duas saias—Vestido com vestia de renda comprida—Avental com pala—Avental—Roupa com romeira—Renda de bilros—Avental para meninas—Capa para chuva e guarda-pó—Avental para creanças—Vestido com bluzas abertas para meninos—Penteado á grega—Vestido decotado com galões para creancinha—Vestido com corpo apauhado para meninas—Vestido imperior para meninas, etc., etc. Com figurino colorido e folha de moldes.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ANNUNCIO

(2.^a publicação)

Por este juizo de direito, escrevão Sobreira, correm éditos de trinta dias a contar da 2.^a publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando Antonio Fernandes Palhas, menor pobre, filho de Maria Rosa de Almeida, d'esta villa, auzente em Lisboa em parte incerta, para, no prazo de dez dias depois de findo o dos éditos, pagar a João da Silva Rodrigues, do lugar do Sobral d'esta freguezia, a quantia de 18:695 réis, parte da divida approvada a favor d'este e a cargo do executado no inventario de menores a que se procedeu por obito de Manoel Fernandes Palhas, que foi do Sobral, ou vir nomear á penhora bens sufficientes para tal pagamento e mais despesas, sob pena de se dvolver ao exequente o direiio da nomeação.

Ovar, 18 de julho de 1891

Verifiquei, Salgado e Carneiro.

O Escrivão, Antonio dos Santos Sobreira.

(107)

ANNUNCIO

(2.^a publicação)

No dia 15 do proximo mez de agosto pelo meio dia á porta do tribunal d'esta comarca por deliberação do conselho de familia no inventario inpharmacologico, a que se procede por obito de Marianna Fernandes, que foi do lugar do Sobral, d'esta freguezia e para pagamento de parte do passivo

approvado no mesmo inventario a cargo do auzente—Manoel d'Oliveira ha-de ser arrematada por quem mais offercer sobre a respectiva avaliação, com a declaração de que as despezas de praça e contribuição de registo ficam a cargo do arrematante, uma leira de terra lavradia, denominada «a Gandra de Dentro» sita nos limites do referido iogar do Sobral, foreira ao Padre José dos Santos Ala, parochio da freguezia de S. Domingos de Runa, comarca de Cintra, avaliada em 87:300 réis. Por este são citados quaesquer credores inc rto para deduzirem os seus direitos,

Ovar, 23 de julho de 1891.

Verifiquei Salgado e Carneiro

O Escrivão Antonio dos Santos Sobreira (108)

ARREMATACAO

(2.^a publicação)

No dia 15 d'Agosto proximo pelo meio dia a porta do tribunal judicial d'esta comarca ha-de ser posta em praça para ser arrematada por preço superior ao da respectiva avaliação a propriedade abaixo mencionada penhorada ao executado Antonio do Rozario Costa e mulher, do lugar, Cabo da Lavoura de Vallega d'esta comarca na execução hypotecaria que a este move Manoel José Tavares casado, proprietario da Costa da Torreira comarca d'Estarreja. Uma propriedade de terra lavradia, composta de duas, uma ao nascente e outra ao poente, havendo aquella por compra e esta apenas n'uma quarta parte, cita no logar do Cabo da Lavoura de Vallega que confronta no seu todo, do nascente com Maria d'Almeida viuva, poente com Antonio de Souza e outra norte com Manoel Pires e outra o sul com o carreiro, avaliado em 510:000 réis.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 23 de julho de 1891

Verifiquei a execução O juiz de direito Salgado e Carneiro

O Escrivão Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

(109)

Annuncios

HOTEL DO FURADOURO

Abre no proximo dia 8 d'agosto, este acreditado hotel, que todos os annos adquire melhoramentos consideraveis.

Entre outros muitos citaremos: a 2.^a meza que por 600 rs. fornece almoço, jantar com vinho chá e cama.

A cosinha este anno é á portugueza, havendo para isso pessoal escolhido, habilitadissimo, e assim ficarão satisfeitos os hospedes que, no anno anterior não gostavam da cosinha franceza.

O serviço de restaurante será permanente.

Banhos quentes, d'agua salgada no mesmo hotel, sendo encanada para as banheiras, tanto a quente como a fria, tornando-se assim commodos e rapidos.

Encarrega-se de jantares para fóra e toda a qualidade de pratos culinarios.

Grande modicidade de preços.

Primeira meza, por dia 800, 900 e 1:000 réis.

Familia preço convencional. O proprietario d'este hotel não se poupa a despezas para que todos fiquem satisfeitos.

O proprietario Silva Cerveira

AGENCIA FUNERARIA

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BAS-TOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se póde fazer; habitos desde a mais fina seda até ao mais baixo algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições dou, radas, artigos de cartongem e palheta, sedas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'esta casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Auctor dos romances: As Doi-das em Paris, Mysterios de uma Herança, O Fiacre n.º 13, A Mulher do Saltibanco, Crimes de uma Associação Secreta, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, e outros.

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

4 volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 réis por assignatura 1\$800 réis. Cader-netas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a todos os assignantes. Vista geral da Avenida da Liberdade segunda edição com bastantes modificações mede 60 por 73 centímetros, impressão feita a 16 côres valor 500 réis.

Os snrs. assignates que enviarem já directamente aos editores a quantia de 1\$800 réis (sem abas timento), receberão na volta do correio a vista da Avenida da Liberdade e semanalmente as cader-netas tambem pelo correio tanto para Lisboa como para as provincias.

EDITORES—BELEM & C.^a 26, Rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA
OS
Companheiros do punhal
POR
L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Brindes de valor a todos os assignantes e angariadores de assignaturas, entre outros: um anel para senhora, um serviço de almoço (China) para 2 pessoas, um corte de vestido, um relógio de prata, um relógio de ouro para senhora, um pardessus, um centro de mesa, etc., etc., e

Um cheque á vista,
de 2 libras

Ninguém deixe de ler o prospecto em distribuição.

Publicada a 1.ª caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

Peca-se o prospecto illustrado e 1.ª caderneta.

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de infantaria

ex-professor do Lyceu Central do Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Editores

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBATO

Romance de grande sensação, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 réis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcidivel regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 réis cada fasciculo franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 réis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Litteraria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184. Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cer-

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra.

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjunto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centímetros e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribuaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SA

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

VIDA

DE

LORD BYRON

POR

EMILIO CASTELAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

2.ª EDIÇÃO

Com os retratos de Emilio Castelar e de Lord Byron.

1 vol. br. 500 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar e sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A Livraria—Craz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR

XAVIER DE MONTEPIN
VERSÃO
DE
Julio de Magalhães

volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 REIS

A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Brinde a todos os assignantes EDITORES BELEM & C.ª 26, Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Gazeta dos tribuaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribuaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes) 4\$200

Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceptam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem dão-se passagens gratuitas a individuos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo.

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem divida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva
Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de França e Hespaha.

NOVO

DICCIONARIO UNIVERSAL

PORTUGUEZ

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico a mythologico etc.

COMPILADO

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

EDITORES E PROPRIETARIOS

TAVARES CARDOZO & IRMAO

Largo de Camões 5 e 6

LISBOA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

O NOVO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ contem 2:424 paginas, divididas por dois volumes.

A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas.

Os senhores assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se anticipadamente o importe de qualquer numero de entregas. O preço de cada entrega é de 120 réis.

Fechada a assignatura o preço será augmentado com mais 20 por cento.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares Cardozo & Irmão, Largo de Camões—Lisboa.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.º de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4\$000—6 mezes 2\$100 rs.—Numero av lso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, dão-se passagens gratuitas a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avó ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo.



EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis
19—Rua dos Mercadores—23.